

Tombamento não deve

Em que implicaria o tombamento de uma cidade de apenas 25 anos, com uma estrutura urbana ainda não sedimentada, com vários pontos positivos sofrendo interferência de "erros" que diariamente atrapalham a vida de seus moradores? Estas e muitas outras discussões compõem amanhã o debate "A Questão do Tombamento do Plano Piloto", promovido pelo Sindicato dos Arquitetos do Distrito Federal, através da sua Comissão Cidade. O evento será aberto a toda a população do DF e contará com a presença de associações de moradores, partidos políticos, estudantes e professores da UnB, diretoria do Instituto dos Arquitetos do Brasil - DF, membros dos Sindicatos dos Engenheiros, dos Antropólogos, dos Sociólogos e dos Corretores Imobiliários.

Uma proposta do Grupo de Trabalho Brasília, do SPHAN, Fundação pró-Memória, será apresentada na abertura do evento, com um tema ligado ao debate que será desenvolvido: Preservação de Brasília. O encontro contará também com a participação de autoridades do GDF, das Secretarias de Viação e Obras e Serviços Sociais e do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico. O debate tem início às 19 horas, na Sede do Sindicato dos Arquitetos (Quadra 603, L/2 Sul).

A Comissão Cidade, formada por diretores e associados do Sindicato dos Arquitetos, vem realizando, há cerca de seis meses, uma série de debates sobre problemas ligados à questão urbana do DF, visando esclarecer e alertar a respeito de temas que despertam o interesse dos habitantes locais. Em geral, são os próprios moradores de diversas partes de Brasília que solicitam a formação de mesas de debates, como aconteceu com os comerciantes da Rodoviária, ao pedirem um posicionamento do Sindicato diante do projeto de alteração dos boxes da Plataforma Inferior. Da mesma forma, já foram discutidos a expansão do Setor O e o assentamento da Candangolândia.

Tombar é absurdo

Desta vez, a questão do tombamento reúne interessados de diversas áreas, já que o problema não é "tombar ou não tombar" simplesmente. "Um tombamento é uma forma mais rígida de preservação e tende a preservar coisas positivas e também erros. Neste sentido, é até absurdo querer tomar uma cidade inteira. Somos a favor de uma preservação dinâmica, que permita interferências visando sempre a melhoria da condição de vida da população", salienta um dos membros da Comissão Cidade, o arquiteto Luiz Alberto Gouveia.

"O Sindicato entende a cidade como um organismo dinâmico", acrescenta Silvio Cavalcante, outro membro da Comissão. "O tombamento pode ser parte do processo de crescimento de uma cidade, por isso somos a favor de uma preservação de coisas positivas, evitando-se e tentando solucionar os erros que já existem".

Luiz Alberto cita como um dos erros do Plano Piloto o Eixo Rodoviário, "que funciona como uma barreira entre as quadras 100 e 200, não solucionando a passagem de pedestres e até causando vários acidentes. Se a cidade for tombada, esta situação será mantida, não deixando espaço para soluções indicadas pela própria população".

Uma idéia levantada por Joaquim Vieira, também da Comissão, e partilhada pelos outros arquitetos, é que, "nestes 25 anos, a população usou a cidade adequando seu espaço urbano às suas necessidades. Não faz sentido", continua ele, "promover um tombamento nem querer retomar o plano inicial de Brasília. A cidade precisa de tempo para se sedimentar. Seus moradores vão continuar utilizando seus espaços e os transformando. Não faz sentido voltar no tempo e estabelecer a idéia de uma pessoa, pois a cidade existe para ser usada e adequada a quem a habita".

Os debates promovidos pela Comissão pretendem abrir uma forma de participação de toda a comunidade para este tipo de questão. "Um espaço para quem vivencia a cidade", diz Silvio Cavalcante. "Não só reunindo técnicos, mas todos os interessados em opinar sobre sua cidade e tentar fazê-la melhor".

Também estarão em debate os acampamentos, "testemunhos de uma etapa histórica muito importante, um espaço provisório entre o projeto da cidade e sua edificação, uma solução de moradia da população pioneira, mostrando a raiz da construção civil do DF". Esta é, segundo os arquitetos, questão complexa que envolve aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. Para sua solução, a participação dos habitantes de todos os acampamentos é imprescindível. "A comunidade é responsável pela preservação destes espaços de importância histórica, sempre lutando contra as ameaças do Governo de derrubar os conjuntos arquitetônicos".

Claudio Alves

preservar erros